

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA**

JADSON SILVESTRE DA SILVA

**O APOIO INSTITUCIONAL E A CONDIÇÃO SOCIOECONÔMICA DO ALUNO DE
GRADUAÇÃO DE ODONTOLOGIA E O ENVOLVIMENTO COM A INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

NATAL/RN

2015

Jadson Silvestre da Silva

**O APOIO INSTITUCIONAL E A CONDIÇÃO SOCIOECONÔMICA DO ALUNO DE
GRADUAÇÃO DE ODONTOLOGIA E O ENVOLVIMENTO COM A INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao componente curricular TCC II do curso de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Roberto Augusto Noro

NATAL/RN

2015

Catálogo na Fonte. UFRN/ Departamento de Odontologia
Biblioteca Setorial de Odontologia “Prof^o Alberto Moreira Campos”.

Silva, Jadson Silvestre da.

O apoio institucional e a condição socioeconômica do aluno de graduação de Odontologia e o envolvimento com a iniciação científica/ Jadson Silvestre da Silva. – Natal, RN, 2015.

25 f.:il.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Roberto Augusto Noro.

Monografia (Graduação em Odontologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Odontologia

1. Educação em odontologia – Monografia. 2. Pesquisa – Monografia. 3. Estudantes de odontologia – Monografia. 4. Odontologia – Monografia. I. Noro, Luiz Roberto Augusto. II. Título.

RN/UF/BSO

Black D57

Jadson Silvestre da Silva

**O APOIO INSTITUCIONAL E A CONDIÇÃO SOCIOECONÔMICA DO ALUNO DE
GRADUAÇÃO DE ODONTOLOGIA E O ENVOLVIMENTO COM A INICIAÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
componente curricular TCC II do curso de
Odontologia da Universidade Federal do Rio
Grande do Norte.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Profº Dr. Luiz Roberto Augusto Noro - UFRN

Orientador

Profº Dr. Antônio de Lisboa Lopes Costa - UFRN

Membro

Profº Dra. Edna Maria da Silva- UFRN

Membro

NATAL/RN

2015

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, **João Maria** e **Alba Anita**, pelo apoio e incentivo na realização dos meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

À Deus

Ao Prof^o Dr. Luiz Roberto Augusto Noro, pela orientação, paciência, disponibilidade e por toda ajuda sem qual este trabalho não seria possível.

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para realização deste estudo.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Participação em iniciação científica dos alunos concluintes de Odontologia segundo organização acadêmica e categoria administrativa, ENADE, 2010.....	10
Tabela 2 –	Participação em iniciação científica dos alunos concluintes de Odontologia quanto ao apoio financeiro para o aluno participar em eventos científicos e à atualização dos periódicos científicos disponíveis na Instituição, ENADE, 2010.....	11
Tabela 3 –	Participação em iniciação científica dos alunos concluintes de Odontologia quanto à motivação dos docentes em sala de aula, através da utilização de artigos e solicitação de atividades de pesquisas em disciplinas, ENADE, 2010.....	12
Tabela 4 –	Participação em iniciação científica dos alunos concluintes de Odontologia quanto à situação de renda própria e de trabalho que descreve o aluno, ENADE, 2010.....	13

O APOIO INSTITUCIONAL E A CONDIÇÃO SOCIOECONÔMICA DO ALUNO DE GRADUAÇÃO DE ODONTOLOGIA E O ENVOLVIMENTO COM A INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RESUMO

Os programas de iniciação científica são relevantes no desenvolvimento pessoal diferenciado dos alunos que desejam ser pesquisadores e para aqueles que optam pelo exercício profissional, principalmente para os cursos de saúde, que vivem em atualização científica constante. O presente trabalho teve como objetivo analisar a relação do apoio institucional e a condição socioeconômica no envolvimento do aluno de graduação de Odontologia em programas de iniciação científica. A população do estudo foi composta por 6.707 alunos concluintes de cursos de Odontologia, que participaram do ENADE 2010. A maioria dos alunos (95,1%) relatou que sua Instituição de Educação Superior oferece atividades complementares e apenas 2,9% disseram que não existem programas de iniciação científica. A falta de incentivo institucional, que neste estudo se caracterizou por problemas na disponibilidade de periódicos, ausência de apoio financeiro para participação em eventos científicos e docentes que não incentivaram a pesquisa em sala de aula foram determinantes para uma menor participação dos alunos em programas de iniciação científica. Além disso, o aluno que precisa trabalhar mais de 20 horas por semana também apresentou menos possibilidade de participar desses programas.

Palavras-chaves: Pesquisa, Educação em odontologia, Graduação, Odontologia.

INSTITUTIONAL SUPPORT AND SOCIO-ECONOMIC CONDITION OF DENTISTRY UNDERGRADUATE STUDENT AND INVOLVEMENT WITH SCIENTIFIC INITIATION

ABSTRACT

Scientific initiation programs are relevant in personal development of students who wish to be researchers and for those who opt for professional practice, mainly for health courses, living in constant scientific update. This study aimed to analyze the relationship of institutional support and socioeconomic status of Dentistry graduate student in scientific initiation. This study aimed to analyze the relationship of institutional support and socioeconomic status of Dentistry graduate student in scientific initiation programs. The study population consisted of 6,707 students graduating from dental schools, who participated in the ENADE 2010. Most of the students (95.1%) reported their education institution offers additional activities and only 2.9% related no scientific initiation programs. The lack of institutional incentive, which in this study was characterized by problems in the availability of periodicals, lack of financial support for participation in scientific events and teachers who do not have encouraged research in the classroom were instrumental in a smaller student participation in induction programs scientific. In addition, the student who needs to work more than 20 hours per week also had less opportunity to participate in these programs.

Keywords: Research, Education Dental, Graduate, Dentistry.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA	10
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	12
4 CONCLUSÃO	16
REFERÊNCIAS	17
ANEXO	19

1 INTRODUÇÃO

As Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Odontologia buscam uma formação integral e adequada dos estudantes, voltadas ao desenvolvimento de competências e habilidades gerais e específicas, a serem desenvolvidas ao longo do curso, em especial, a partir da participação e estímulo dos alunos em atividades complementares, como estágios, monitorias, programas de extensão e iniciação científica (Brasil, 2002).

Os programas de iniciação científica (IC) não promovem relevância somente para aqueles que desejam ser pesquisadores. No exercício profissional, os alunos que são envolvidos em pesquisa, por serem submetidos a processos de planejamento e organização elevados, acabam apresentando um desenvolvimento pessoal diferenciado (Tenório; Beraldi, 2010). Os participantes de programas de IC desenvolvem capacidade de análise crítica, de maturidade intelectual e, de um maior discernimento para enfrentar as próprias dificuldades (Fava-de-Moraes; Fava, 2000). Isso, possivelmente, é um diferencial na formação, principalmente para os cursos da saúde, que vivem em atualização científica constante.

O desenvolvimento social e econômico de um país está associado estreitamente com o seu avanço científico e tecnológico (Fava-de-Moraes; Fava, 2000). Nos últimos anos, o Brasil vem demonstrando crescimento constante na produção de conhecimentos em Odontologia, podendo se tornar o principal produtor nessa área em 2016 (Faber, 2011). Ao analisarmos a produção no ano de 2014, o Brasil se encontra em 2º lugar como produtor de artigos em Odontologia no mundo, atrás apenas dos EUA (Scimago Lab, 2015). Observa-se, também, a alta produtividade dos pesquisadores brasileiros na área da Odontologia, em especial quando esta lógica se dá a partir de grupos de pesquisadores consolidados (Cavalcante et al., 2008).

Porém, nem todos os alunos vivenciam a experiência de iniciação científica na graduação. Em um olhar universal, é perceptível que existem fatores que estão fortemente

ligados aos programas de iniciação científica em uma Instituição de Educação Superior (IES), principalmente a capacitação das pessoas, infraestrutura adequada e investimento permanente, e que podem ser considerados como elementos de motivação no envolvimento dos alunos nesses programas (Fava-de-Moraes; Fava, 2000).

Ademais, é visto que a condição socioeconômica influencia fortemente o desempenho educacional dos estudantes (Barros, et al. 2001). Também pode estar associada no interesse dos alunos em pesquisa, visto que ela é indissociável, em qualquer contexto envolvendo um indivíduo. Os fatores econômicos, principalmente, podem distanciar os alunos em participar de atividades complementares, como extensão, pesquisa e estágios extracurriculares.

O objetivo deste estudo foi analisar a relação da motivação institucional e a condição socioeconômica do estudante no envolvimento do aluno de graduação de Odontologia em programas de iniciação científica, como forma de sinalizar às Instituições de Educação Superior a importância da execução de atividades de pesquisas na graduação, tendo em vista o grande impacto delas na formação dos alunos.

2 METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza como seccional, com abordagem quantitativa. A população do estudo é composta por 6.707 alunos concluintes de cursos de Odontologia, que participaram do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) 2010, distribuídos em 189 Instituições de Educação Superior, no Brasil, organizadas administrativamente em 54 IES públicas (51 Universidades, 1 Centro Universitário e 2 Faculdades) e 135 IES privadas (69 Universidades, 24 Centros Universitários e 42 Faculdades).

A variável dependente do estudo se refere à participação do aluno em atividade científica. As variáveis dependentes e independentes do estudo foram obtidas a partir do Questionário do Estudante, preenchido pelos concluintes dos cursos de Odontologia no ano de 2010 e do censo da educação superior (INEP), do mesmo ano. As variáveis presentes no estudo, classificadas por tipo e natureza, assim como o conceito que as define encontram-se no Quadro 1.

Quadro 1 – Tipo, natureza e conceito das variáveis presentes no estudo.

Variável	Tipo	Natureza	Conceito
Iniciação científica	Dependente	Categórica	Participação ou não do aluno em programas de iniciação científica
Organização acadêmica	Independente	Categórica	Universidade, Centro Universitário ou Faculdade
Categoria administrativa	Independente	Categórica	IES pública ou privada
Acervo de periódicos da biblioteca	Independente	Categórica	Opinião do aluno sobre o acervo de periódicos da biblioteca
Oferta de atividades complementares	Independente	Categórica	Opinião do aluno sobre a oferta de atividades complementares pelas IES
Realização de pesquisas nas disciplinas	Independente	Categórica	Opinião do aluno sobre a realização de pesquisas nas disciplinas
Indicação de artigos científicos	Independente	Categórica	Opinião do aluno sobre a indicação do professor de periódicos científicos
Apoio em participação de eventos científicos	Independente	Categórica	Opinião do aluno sobre o apoio financeiro da IES para participar de eventos
Dependência financeira	Independente	Categórica	Dependência financeiramente da família ou de outra pessoa
Trabalha	Independente	Categórica	Indica se o aluno trabalha

Fonte: Questionário do Estudante - Enade (2010) e INEP (2010)

O banco de dados foi solicitado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), fiel depositário dessas informações. Os dados foram consolidados no aplicativo Microsoft Office Excel 2007 e a análise estatística foi realizada por meio do Stata versão 20.

A presente pesquisa faz parte do projeto “Reorientação da formação em saúde: a contribuição do Programa Pet-saúde” o qual foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Onofre Lopes – UFRN (CEP-HUOL), sendo aprovada por meio do parecer 316.905, de 26 de junho de 2013

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os alunos, a maioria das IES (95,1%) oferecem atividades complementares. O grande número observado de IES dos cursos de Odontologia que possuem atividades complementares, já sinaliza a preocupação que se tem em inserir atividades que vão além da oferta de disciplinas regulares obrigatórias na graduação, mas também atividades de ensino, extensão e pesquisa, visto que essas atividades são inseridas em cenários diversificados e proporcionam um meio facilitador da aprendizagem, tornando o estudante mais crítico e reflexivo (Fadel et al., 2013), contribuindo na qualidade da formação profissional do aluno (Capovilla; Santos, 2001; Fior; Mercuri, 2009).

Sobre o espaço da pesquisa nos cursos de Odontologia ressalta-se que para o desenvolvimento científico é necessário destacar a importância da pesquisa e a reestruturação institucional, devendo ter espaços nas reformas curriculares (Maltagliati; Goldenberg, 2011). Nesse contexto, foi observado neste estudo que os programas de iniciação científica também estão presentes na grande maioria das IES dos cursos de Odontologia, já que apenas 2,9% dos concluintes relataram que não existe este tipo de programa na IES. Ainda assim, mais da metade dos alunos (56,2%) terminaram a graduação sem vivenciar uma pesquisa.

A participação dos alunos de Odontologia em programas de iniciação científica quanto à categoria administrativa e organização acadêmica está distribuída de acordo com a Tabela 1:

Tabela 1. Participação em iniciação científica dos alunos concluintes de Odontologia segundo organização acadêmica e categoria administrativa, ENADE, 2010.

Organização Acadêmica	Categoria Administrativa		Pública				Privada				Total
			Sim		Não		Sim		Não		
	n	%	n	%	n	%	n	%			
Universidade	782	48,5	831	51,5	719	37,2	1216	62,8	3548		
Centro Universitário	14	66,7	7	33,3	257	38,4	412	61,6	690		
Faculdade	66	98,5	1	1,5	334	50,5	328	49,5	729		
Total	862		839		1310		1956		4967		

Fonte: INEP (2010)

A maior parte dos alunos dos cursos de Odontologia se encontra em Universidades (71,4%) e os concluintes do curso em universidades privadas foram os que menos participaram de programa de iniciação científica (37,2%) apesar de a instituição oferecer.

A participação dos estudantes em IC de IES públicas sobressai a das privadas, provavelmente pelo menor tempo de dedicação dos professores de IES privadas à pesquisa, devido ao regime de trabalho e características das universidades. O sistema de contratação dos docentes realizado no setor privado geralmente não se caracteriza como de dedicação exclusiva, com isso os docentes acabam se vinculando a outras instituições, consequentemente possuem menor tempo para desenvolver projetos de pesquisas (Massi; Queiroz, 2010), como também em virtude da maior quantidade de programas e grupos de pesquisas presentes nas IES públicas (Oliveira et al., 2008; CNPq, 2014)

A desmotivação financeira e a falta de tempo são fatores considerados importantes no envolvimento dos alunos de Odontologia em pesquisa (Junior et al., 2014). As IES que possuem grupos de pós-graduação e que são bem avaliados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) apresentam maior disponibilidade de acervos científicos, permitindo os alunos acessarem periódicos de alta qualidade e atualizados com mais facilidade, otimizando o interesse do aluno pelo exercício da pesquisa, o que vai ao

encontro com os resultados obtidos neste trabalho. A IES que não apoiam financeiramente os alunos em eventos científicos e não possuem acervo ou possuem periódicos científicos avaliados como parcialmente atualizados ou desatualizados apresentaram menor participação dos alunos em iniciação científica (35,6%) como ilustrado na Tabela 2. Porém, segundo Pires (2002), o financiamento na pesquisa não é um fator primordial no envolvimento dos alunos; em sua pesquisa, apenas 2% dos alunos entrevistados disseram buscar na IC apenas uma fonte de renda.

Tabela 2 - Participação em iniciação científica dos alunos concluintes de Odontologia quanto ao apoio financeiro para o aluno participar em eventos científicos e à atualização dos periódicos científicos disponíveis na Instituição, ENADE, 2010.

Atualização dos Periódicos \ Apoio Financeiro	Atualizados				Sem acervo ou parcialmente atualizados				Total
	Sim		Não		Sim		Não		
	n	%	n	%	n	%	n	%	
Sim, sem restrições	574	53,6	497	46,4	117	45,5	140	54,5	1328
Não apoiam de modo algum	314	40,1	470	59,9	295	35,6	534	64,4	1613
Total	888		967		412		674		2941

Fonte: INEP (2010)

A sala de aula se torna o espaço ideal para a construção de conhecimentos, e neste espaço, segundo os docentes, a IC é uma atividade que motiva os alunos, resultando na ampliação de um pensamento reflexivo, possibilitando uma visão mais ampla do curso e tendo mais base para questionamentos de conceitos e teorias (Breglia, 2002). Ao analisarmos os resultados do presente estudo, fica evidente a relação da participação dos docentes no envolvimento dos alunos em iniciação científica, uma vez que, quando nenhum docente ou somente alguns, solicitam atividades de pesquisas e usam artigos científicos em sala de aula, os alunos participam menos de iniciação científica (33,6%), conforme sinalizado na Tabela 3.

Tabela 3 - Participação em iniciação científica dos alunos concluintes de Odontologia quanto à utilização de artigos e solicitação de atividades de pesquisas em disciplinas, ENADE, 2010.

Solicitação de atividades de pesquisa	Todos ou a maior parte solicitam				Nenhum ou somente alguns solicitam				Total
	Sim		Não		Sim		Não		
	n	%	n	%	n	%	n	%	
Uso de artigos Científicos									
Todos ou a maior parte usam	1589	48,2	1710	51,8	204	35,9	365	64,1	3868
Nenhum ou somente alguns usam	125	35,0	232	65,0	237	33,6	468	66,4	1062
Total	1714		1942		441		833		4930

Fonte: INEP (2010)

Quase todos (91,08%) indicaram que no momento não estavam trabalhando e 85,6% descreveram que não possuíam renda própria, sendo os gastos financiados pela família ou por outras pessoas. Esses resultados demonstram que a maioria dos alunos de Odontologia se encontra em uma realidade socioeconômica favorável, na qual a renda familiar é suficiente para manter o aluno financeiramente estável. Porém, com a criação das legislações voltas para implementação de reservas de vagas para ingresso ao ensino superior, acredita-se que as características socioeconômicas dos alunos observadas atualmente seriam outras, tendo em vista a inserção nos cursos de graduação em Odontologia de estudantes provenientes do sistema de cotas vigente, o que deve ser objeto de futuros estudos.

Os alunos que declararam possuir renda própria e que precisaram trabalhar 20 horas ou mais semanais, apenas 34,8% participaram de IC (Tabela 4). A necessidade de possuir renda própria requer que o aluno divida o horário do curso com o trabalho, sobrando menos tempo de dedicação a outras atividades acadêmicas. Talvez essa seja uma resposta para

aqueles alunos que trabalham 20h ou mais serem os que participem menos de programas de iniciação científica, pois o tempo disponível é insuficiente para execução dessas atividades.

Tabela 4 – Participação em iniciação científica dos alunos concluintes de Odontologia quanto à situação de renda própria e de trabalho que descreve o aluno, ENADE, 2010.

Trabalho \ Renda	Não trabalha				Trabalha 20 horas ou mais/semana				Total
	Sim		Não		Sim		Não		
	n	%	n	%	n	%	n	%	
Não tem renda	1746	43,9	2229	56,1	10	52,6	9	47,4	3994
Tem renda	151	54,9	124	45,1	138	34,8	259	65,2	672
Total	1897		2353		148		268		4666

Fonte: INEP (2010)

4 CONCLUSÃO

De acordo com os resultados, conclui-se que a falta de incentivo institucional e a pior condição socioeconômica foram consideradas como desmotivadores no envolvimento do aluno em IC, pois, observa-se uma menor participação dos alunos em IC em IES que possuem problemas na atualização de periódicos científicos e que não apoiam financeiramente o estudante; professores que não utilizam periódicos nem solicitam atividades de pesquisas em sala de aula, assim como os alunos que precisam trabalhar mais de 20h por semana, possivelmente, possuem menos tempo de dedicação em pesquisa, por isso participam menos de IC.

Porém, sabe-se que o envolvimento do aluno de Odontologia em iniciação científica, pode não estar condicionado a fatores analisados isoladamente. O alto número de não participantes de IC pode ser reflexo de outros fatores não explorados neste trabalho e que merecem melhor investigação, como as políticas públicas de financiamento em pesquisa e a qualificação dos docentes das IES.

REFERÊNCIAS

BARROS, Ricardo Paes. et al. Determinantes do desempenho educacional no Brasil. Rio de Janeiro: Ipea, 2001. (Texto para discussão nº 834).

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Odontologia. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 4 mar. 2002. Seção 1, p. 10.

BREGLIA, Vera Lúcia Alves. A Formação na graduação: contribuições, impactos e repercussões do PIBIC. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

CAPOVILLA, Sheirla Luiza; SANTOS, Acácia Aparecida Angeli Avaliação da influência de atividades extramuros no desenvolvimento pessoal de universitários. Psico-USF, v. 6, n. 2, p. 49-58, 2001.

CAVALCANTE, Raika Augusta et al. Perfil dos pesquisadores da área de odontologia no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Rev. bras. epidemiol. 2008, vol.11, n.1 p. 106-113, 2008.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq). Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil. 2014. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp/por-instituicao2>> Acesso em: 09 nov. 2015.

FABER, Jorge. O Brasil se tornará, em 2015, o principal produtor de conhecimento em Odontologia no mundo. Dental Press J Orthod. v.16, n. 2, p.6-7, 2011.

FADEL, Cristina Berger. et al. O impacto da extensão universitária sobre a formação acadêmica em Odontologia. Comunicação Saúde Educação; v.17, n.47, p.937-46, out./dez. 2013.

FAVA-DE-MORAES, Flávio; FAVA, Marcelo. A iniciação científica: muitas vantagens e poucos riscos. São Paulo em Perspectiva, v. 14, n. 1, p73-77, 2000.

FIOR, Camila Alves; MERCURI, Elizabeth. Formação universitária e flexibilidade curricular: importância das atividades obrigatórias e não obrigatórias. *Psic. da Ed.*, São Paulo, 29, 2º sem. de 2009, pp. 191-215.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Relatório síntese ENADE Odontologia 2010. Disponível em: <www.inep.gov.br>. Acesso em: 19 ago. 2014.

MALTAGLIATI, Luciana Ávila; GOLDENBERG, Paulete. O Lugar da Pesquisa na Reorganização Curricular em Odontologia: desafios de origem para um debate atual. *Saúde & Sociedade*, v. 20, n. 2, p. 436-447, 2011.

MASSI, Luciana; QUEIROZ, Saete Linhares. Estudos sobre iniciação científica no Brasil: uma revisão. *Cadernos de Pesquisa*, v. 40, n. 139, p. 173-197, 2010.

OLIVEIRA, Neilton Araújo; ALVES, Luiz Anastácio; LUZ, Maurício Roberto; Iniciação Científica na Graduação: O que Diz o Estudante de Medicina? *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 32, n. 3, p. 309-314, 2008.

PIRES, Regina Celi Machado. A contribuição da iniciação científica na formação dos alunos de graduação numa universidade estadual. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SCImago Journal & Country Rank. Country Rankings. Disponível em: <http://www.scimagojr.com/countryrank.php?area=3500&category=0®ion=all&year=2014&order=it&min=0&min_type=it> Acesso em: 09 Dez. 2015.

SILVA JUNIOR, Manoelito Ferreira et al. Iniciação científica: percepção do interesse de acadêmicos de odontologia de uma universidade brasileira. *Saúde & Sociedade*, v. 23, n. 1, p. 325-335, 2014.

TENÓRIO, Maria Patrocínio; BERARDI, Gabriel. Iniciação científica no Brasil e nos cursos de medicina. *Revista da Associação Médica Brasileira*, v. 56, n. 4, p. 375-393, 2010.

ANEXO

Instruções aos autores

Trabalho, Educação e Saúde publica contribuições originais com o intuito de desenvolver o estudo sobre temas relacionados à educação profissional em saúde. A política editorial da revista consiste em discutir esta área sob a ótica da organização do mundo do trabalho, de uma perspectiva crítica, sistemática e interdisciplinar. Antes de fazer a submissão de um manuscrito, recomenda-se a leitura e o atendimento das normas para publicação.

A revista aceita contribuições inéditas dos seguintes tipos:

Ensaio: Produção textual de amplo alcance teórico-analítico, não conclusivo e não exaustivo. Tamanho: 6.000 a 10.000 palavras, incluindo referências bibliográficas, figuras e notas.

Artigos: Apresentação de resultado de pesquisa de natureza empírica ou conceitual. Tamanho: 4.000 a 8.000 palavras, incluindo referências bibliográficas, figuras e notas.

Debates: Discussão sobre temas específicos, tanto encomendados pelos editores a dois ou mais autores, quanto advindos de colaboradores. Tamanho: até 5.000 palavras, incluindo referências bibliográficas, figuras e notas.

Entrevistas: Opinião ou posição de entrevistado qualificado nas áreas de conhecimento da revista.

Resenhas: Crítica de livro relacionado aos campos de confluência da revista, publicado ou traduzido nos últimos três anos. Tamanho: até 1.500 palavras.

Apresentação do manuscrito

Colaborações devem ser digitadas no Word, na fonte Times New Roman, em corpo 12, em espaço duplo. Artigos, ensaios e debates devem ainda conter um resumo em português e em inglês (*abstract*) de, no máximo, 200 palavras, e título em inglês, além do título na língua original. Os manuscritos podem ser apresentados em português, espanhol, inglês e francês. O título deve ser conciso e representativo do conteúdo do texto. O(s) autor(es) deve(m) indicar se a pesquisa é financiada, se é resultado de dissertação de mestrado ou tese de doutorado, se foi aprovada por Comitê de Ética da área e se há conflitos de interesse. Em texto com dois ou mais autores, logo após as notas de fim, devem vir especificadas, de forma sucinta, as responsabilidades de cada autor na preparação do manuscrito.

Palavras-chave Mínimo de três e máximo de cinco palavras-chave descritoras do conteúdo do trabalho, apresentadas na língua original, em espanhol e em inglês (*keywords*).

Figuras Tabelas, quadros, diagramas, fotografias, gráficos e ilustrações não devem ultrapassar o máximo de seis por artigo, salvo exceções específicas ao campo temático do manuscrito, caso em que o autor deverá manter uma comunicação prévia com os editores. Todas as figuras, com exceção de fotografias, devem ser numeradas e ter título, estando apenas as iniciais do título em maiúsculas. As referências devem ser feitas por números (ex. Gráfico 3) e não por expressões como “a figura abaixo”.

Notas As notas devem vir ao fim do texto, sucintas e numeradas de forma consecutiva. Não devem ser utilizadas para referências bibliográficas.

Grifos Solicita-se a não utilização de sublinhados e negritos. As aspas simples podem ser usadas para chamar a atenção para um item particular do texto. Palavras de outras línguas, que não o português, devem ser italicizadas, assim como títulos de obras mencionadas.

Citações Citação no corpo do texto deve vir marcada com aspas duplas, com sobrenome do autor, ano e página, como no exemplo (Bourdieu, 1983, p. 126); citação com autor incluído no texto deve vir Gramsci (1982); citação com autor não incluído no texto será (Frigotto e Ciavatta, 2001). No caso de citação com mais de três autores, somente o sobrenome do primeiro deverá aparecer no texto, como em Spink *et al.* (2001). Se a citação exceder três linhas, deverá vir com recuo à esquerda equivalente a um parágrafo, em corpo 11.

Referências Para elaboração das referências, *Trabalho, Educação e Saúde* adota a norma NBR 6023, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Todas as referências citadas, inclusive nas notas, nos quadros e nas figuras, deverão compor as referências bibliográficas ao fim do texto, em ordem alfabética, sem numeração de entrada, e um espaço entre elas. Nas referências serão citados, no máximo, até três autores com todos os nomes. No caso de mais de três autores, citar apenas o primeiro, seguido da expressão *et al.* Diferentes títulos de um mesmo autor, publicados no mesmo ano, deverão ser distinguidos, adicionando-se uma letra em minúscula após a data (ex. 2010a, 2010b), tanto nas citações no corpo do texto quanto na lista de referências bibliográficas. Observem-se os exemplos a seguir:

Artigo

AROUCA, Antônio Sergio. Quanto vale a saúde dos trabalhadores. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 243-265, dez. 1995-mar. 1996.

SPINK, Mary J. P. et al. A construção da Aids-notícia. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 851-862, 2001.

Livro e tese

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

MENDES-GONÇALVES, Ricardo Bruno. *Medicina e história: raízes sociais do trabalho do médico*. Dissertação (Mestrado em Medicina Preventiva)- São Paulo, Faculdade de Medicina, USP, 1979.

Capítulo de livro

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo:Ática, 1983. p. 122-155.

Resumo de congressos

LAURELL, Asa Cristina. O Estado e a garantia do direito à saúde. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SAÚDE COLETIVA, 8., 2006, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Abrasco, 2006. 1 CD-ROM.

Dados fornecidos por agências governamentais (Secretarias, Ministérios, IBGE etc.)

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (SMS-RJ). *Dados sobre acidentes ocupacionais com material biológico*. Rio de Janeiro: SMS-RJ, 2000.

Leis, decretos, portarias etc.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção I, p. 27.839.

Relatórios técnicos

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. *Referencial curricular para curso técnico de agente comunitário de saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. 64 p. (Série A. Normas e manuais técnicos)

Relatórios final ou de atividades

BRASIL. Ministério da Saúde. *Relatório final das atividades*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1999.

Jornal

- a. Sem indicação de autoria: O GLOBO. Fórum de debates discute o projeto Educando o Cidadão do Futuro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 6 jul. 2001. Caderno 1, p. 18.
- b. Com autoria: TOURAINE, Alain. Uma resistência possível. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 3 jul. 2001. Mais, Caderno 7, p. 18-20.

Internet

- a. Texto em periódico eletrônico: AZZARÀ, Stefano G. Crítica ao liberalismo, reconstrução do materialismo. Entrevista com Domenico Losurdo. *Crítica Marxista*, Campinas, n. 35, p. 157-169, 2012. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/entrevista19Entrevista.pdf>. Acesso em 7 out. 2013.
- b. Texto em jornal eletrônico: NUBLAT, Johanna. 38,7% dos usuários de crack das capitais do país estão no Nordeste. *Folha de S. Paulo*, Seção Cotidiano, São Paulo, 19 set. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/09/1344256-40-dos-usuarios-de-crack-das-capitais-do-pais-estao-no-nordeste.shtml>>. Acesso em: 27 set. 2013.
- c. Texto disponível (fora de revista ou jornal): Disponível em: BRASIL. Ministério da Educação. Portal Educação. Educação profissional: referenciais curriculares nacionais da

educação profissional de nível técnico - área Saúde. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/saude.pdf>>. Acesso em: 3 out. 2013.

CD-ROM

BRASIL. Ministério da Saúde. *Sistema de informação sobre mortalidade - 1979 a 1996*. Brasília, 1997. 1 CD-ROM.

Revisão

A revista se reserva o direito de sugerir alterações em usos informais da língua e de corrigir variantes não padrão do português.

Avaliação

As contribuições encaminhadas à revista são, primeiramente, avaliadas pelos editores, que julgam a adequação temática do texto à linha editorial da publicação e, posteriormente, por até três pareceristas *ad hoc*. Nomes dos autores e avaliadores de cada original são de conhecimento exclusivo dos editores. Os originais apresentados à *Trabalho, Educação e Saúde* não devem ter sido publicados e não devem ser submetidos simultaneamente a outra revista. Originais submetidos à revista não devem, sob hipótese alguma, ser retirados depois de iniciado o processo de avaliação.

Direitos autorais

Exceto nos casos em que está indicado o contrário, ficam concedidos à revista os direitos autorais referentes aos trabalhos publicados, que não podem ser reproduzidos sem a autorização expressa dos editores, em forma idêntica, resumida ou modificada, em português ou qualquer outro idioma. Os colaboradores manterão o direito de reutilizar o material

publicado em futuras coletâneas de sua obra sem o pagamento de taxas à revista. A permissão para reedição ou tradução por terceiros do material publicado não será feita sem o consentimento do autor. Os textos assinados são de responsabilidade dos autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores e dos membros do Conselho Editorial da revista.

Benefício dos autores

Após a publicação, os autores recebem dois exemplares do número da revista no qual o texto foi publicado.

Instruções para submissão de manuscritos

Os manuscritos devem ser submetidos pelo sistema de avaliação de manuscritos da Revista, disponível na página: <http://www.revista.epsjv.fiocruz.br>

Primeiramente, o autor principal deve cadastrar-se no sistema e depois cadastrar o manuscrito.

Solicitamos aos autores que observem e sigam as instruções para apresentação do manuscrito.

Para informações adicionais, consultar os editores: revtes@fiocruz.br

Aceita-se permuta.